

RELAÇÕES DE PODER E SUBJETIVAÇÃO

Edson Danilo Cavalcante Filho⁵²
Maria Vera Lúcia Pessoa Porto⁵³

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é mostrar que, para Foucault, cada indivíduo é constituído de suas próprias forças, vontades e deslocamentos. O homem não surge do nada, sem cultura, sem estar em grupos, ele é movimento, e nesse desenvolvimento, por mais que o homem seja moldado às outras culturas e formas de ser “escravagistas”, este indivíduo possui forças e poder de resistir, criar estratégias e lutar por suas vontades, seus desejos e suas culturas. Neste desencadeamento de lutas e resistências é que se dão os processos de construções de subjetivações na sociedade em que se encontra. Percebe-se que, para Foucault, a subjetivação é compreendida historicamente, e seu curso é indefinido, passando não pela disciplina de indivíduos que devem seguir sempre uma mesma linha de ação e costumes, mas pela abertura, a reinvenção do curso da vida. O indivíduo não é um programa pronto e acabado, com um roteiro definido, o homem é, então, protagonista de sua própria história, essa, por sua vez está ligada a suas raízes, raízes que não são regras ou bulas que definem quem é o mesmo, mas que ajuda a indicar para si e para todos suas formas e estratégias de se subjetivar-se. Seguir-se-á a pesquisa bibliográfica e como metodologia utilizar-se-á a obra de Michel Foucault, *Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*.

PALAVRAS-CHAVE: Foucault. Subjetivação. Poder.

1 INTRODUÇÃO

Em reflexões acerca das relações de poder na sociedade conforme o pensamento de Michel Foucault, filósofo francês considerado contemporâneo por possuir um olhar crítico sobre si mesmo e sobre a sociedade a sua volta, o pensamento de Michel Foucault, carrega estudos que envolvem a capacidade de revelar como o poder, em sua dinamicidade, se cria e se faz reproduzir nas relações entre os indivíduos. Abordaremos de forma mais particular, o poder e subjetivação e suas ações sobre os sujeitos que estão imersos em relações consideradas de

⁵² Licenciando do curso de Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN Mossoró/RN, membro do Grupo de Pesquisa: *Parástema, Paraskeue e Parresia* como *ethos* na filosofia de Michel Foucault – E-mail: edsondanilo2@gmail.com.

⁵³ Professora Adjunta IV do Departamento de Filosofia – DFI, Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais – FAFIC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Graduada em filosofia e com mestrado em filosofia prática pela Universidade Estadual do Ceará. Doutorado sanduíche na Universidade Federal da Paraíba – UFPB e Universidade Católica de Louvain-la-Neuve, Bélgica. E-mail: veraluciapessoaporto@gmail.com.

poder, nas quais o indivíduo é ao mesmo tempo quem pratica e também quem sofre as reações do poder ao passo que pode ser moldado por este.

Vivemos em uma sociedade que se relaciona e se modifica constantemente em suas práticas de poder para com o outro e consigo mesmo, surgindo constantemente perguntas em torno do poder clássico e poder atual, e o que há de novo neste mesmo poder, na obra: “Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber”, nos informa que a sua pesquisa incide sobre as técnicas do poder, sobre a tecnologia do poder, o mesmo consiste em estudar como o poder domina e se faz obedecer.

Segundo Bobbio, em seu significado mais geral, a palavra Poder designa a capacidade ou possibilidade de agir, de produzir efeitos. Assim também, percebemos que o poder possui uma grande capacidade de se expandir, não somente de forma particular aos indivíduos, ou a fenômenos naturais, mas, de forma ampla, em grupos, como indivíduos que se relacionam e estão em constante movimento, sendo eles sujeitos e objetos do poder. Podemos também compreender o poder na perspectiva do poder social, que se refere à convivência dos seres humanos, enxergando o poder que se instaura nas relações independentes de cargo, classe ou situação financeira.

É partindo deste olhar sobre os comportamentos que os indivíduos vão adquirindo com suas relações de poder que muitas resistências foram surgindo, como a fala da mulher, os movimentos estudantis, colocando frente a essas relações, as resistências e as técnicas de poder que neste aspecto é claramente um processo de subjetivação acontecendo em meio à sociedade. Segundo Foucault (2012), o objeto de análise é sempre determinado por tempo e espaço. Dessa forma, o poder perdeu uma parte da sua eficácia onde as disciplinas entram em crise. No pensamento de Foucault relacionando o futuro das relações de poder como, há quatro, cinco séculos, por exemplo, consideravam-se que o desenvolvimento da sociedade ocidental dependia da eficácia do poder em preencher sua função. Por exemplo, importava na família, como a autoridade do pai se posicionava ao controlar os comportamentos dos filhos. Se esse mecanismo se quebrava, a sociedade desmoronava.

2 O PODER DISCIPLINAR

O poder surge de forma forte nem sempre se auto titulando como “poder supremo”, age devagar e com eficácia conforme as relações de cada sociedade, se adaptando em cada classe, desde o operário ao patrão, o poder se infiltra em todas as áreas humanas para se manifestar. O poder existe por vários fatores, mas um grande fator é a vontade de soberania, ou seja, de exercer sua verdade e saber sobre os outros. Quando entendemos que o poder existe, e que os indivíduos na maioria das vezes não percebem por ser um poder em uma relação silenciosa, dar a compreender que em uma escola, por exemplo, não se usa mais uma palmatória para disciplinar o aluno e obrigá-lo a fazer a tarefa de casa. Mas em um poder disciplinar, por exemplo, da sociedade atual, esse poder é exercido quando um livro didático possui aquilo que o estado quer que vejamos e sejamos.

Nesses últimos anos, porém, a sociedade mudou e os indivíduos também, e eles são cada vez mais diversos, diferentes e independentes. Há cada vez mais categorias de pessoas que não estão submetidas à disciplina. Portanto, neste pensamento, o poder se encontra como forte ferramenta de manipulação, o que de acordo com o filósofo, muda na nossa atualidade. Segundo Foucault, o controle é menos severo e mais refinado, sem ser, contudo, menos aterrorizador. Neste caso, as formas de poder com o passar do tempo vão tomando proporções mais discretas, mais planejadas, se mostrando menos aterrorizante, quando na verdade pelas técnicas que o indivíduo é atraído ele é posto frente ao poder que o domina. Segundo Foucault: em *Ditos e Escritos IV* (2012) “O ponto que chegamos está além de qualquer possibilidade de retificação”, porque o encadeamento desses sistemas continuou a impor esse esquema, até fazê-lo ser aceito pela geração atual como uma forma da normalidade.

O poder nesta sociedade é camuflado, não é um poder barulhento, mas estratégico, que usa técnicas de controle de forma que os indivíduos não percebam claramente que estão sendo controlados, é sofisticado. Se encontra por muitas vezes em governos que conseguem disciplinar toda a sociedade partindo de planos bem arquitetados, onde se é retirado do homem a capacidade de opinar sobre as coisas em muitas instituições, como na escola, onde as disciplinas que geram um maior senso crítico sobre a realidade que se está inserido, sofre bruta um golpe onde aos poucos vão perdendo espaços nas universidades e escolas, como

a própria filosofia que é desvalorizada e perseguida por fazer dos indivíduos pessoas que ganham um senso crítico analítico.

Ainda existe em nosso meio a elaboração de verdade. Somos uma sociedade mundial que produz verdade/poder, quando se fala dessas duas palavras juntas quer dizer que não se pode construir algo sem que se tenha uma força maior para padronizar e lançar ao povo. Cada verdade tem seus próprios mecanismos de poder, pois é esse o poder que é capaz de nos unir. Foucault ainda fala que são essas relações que o assustam, somos sujeitos das relações de poder, existe poder entre homens e mulheres, entre os que sabem e os que não sabem. Existem milhares de relações de poder e seguinte a isso relações de forças, entre grandes e pequenos, aqui também podemos observar que a estrutura de estado funcionaria entre essas relações de poder, força e verdade.

3 PODER, PARASKEUÉ E PARÁSTEMA

Foucault entende o exercício do poder a partir do *paraskeué*. Ele compreende o poder nas relações, o mesmo se manifesta entre os indivíduos de vários modos. As práticas e exercícios possibilitam evidenciar, tanto no interior como no exterior do homem, seu processo de subjetivação. O poder instalado na sociedade pode ser percebido nas suas diversas manifestações - na sexualidade, na afetividade, na loucura, na prisão, entre tantos outros que condicionam o modo como o sujeito se constitui como tal, o que faz compreender a partir de cada relação que se é vivenciada na sociedade a capacidade dos indivíduos de se relacionar com suas práticas e exercícios do poder.

O *paraskeué*, segundo Porto (2017, p.155), em *Caminhos da Liberdade em Foucault: das relações de poder ao cuidado de si no processo de subjetivação*, é o “[...] modo de o sujeito se construir no desenvolvimento de práticas de si por meio de exercícios que permitam ao indivíduo construir processualmente sua própria subjetivação”. Desse modo, é somente a partir do aprofundamento que o indivíduo tem sobre sua realidade e seus exercícios, que é capaz de constituir para si sua subjetividade.

Assim, para o indivíduo se constituir e viver sua realidade, é necessário práticas e exercícios. Foucault, em a *Hermenêutica do sujeito*, retrata justamente sobre esses processos:

Trata-se de uma espécie de “heautosopia”. O sujeito deve perceber-se na verdade de seu ser. [...] o efeito deste saber sobre o sujeito está assegurado pelo fato de que nele o sujeito não apenas descobre sua liberdade, mas encontra em sua liberdade, um modo de ser que é o da felicidade e de toda a perfeição de que ele é capaz (FOUCAULT, 2004, p. 373).

Esta liberdade, para que possa ser constituída pelo homem, passa necessariamente pelos processos de autoconhecimento e seus deslocamentos, saindo de si, reconhecendo e acolhendo o que há de melhor nele. Desse modo, o indivíduo não precisa absorver a “verdade elaborada” de forma universal, sugerindo o que seja melhor para este. O processo de luta consigo mesmo parte da autoanálise que o indivíduo faz do seu próprio eu, e assim, consegue se relacionar consigo mesmo e com o outro. Foucault afirma, na citação acima, que o efeito deste saber sobre o sujeito está assegurado pelo fato de nele o sujeito não apenas descobrir sua liberdade, mas efetivá-la.

Então, o que se apresenta é um agonismo nas relações, primeiro, o embate é sobre entender-se interiormente para compreender-se exteriormente, em seguida, a luta com outros indivíduos que também lutam pela sua subjetivação. Para Foucault, a subjetivação do indivíduo, que entende seu lugar no mundo, é o reconhecimento das suas forças, de modo a não querer ser somente o passivo, a ser guiado, mas, ser o protagonista da sua própria vida, este que está ligado intimamente com o *ethos*, o cuidado de si

[...] é apresentado como aquele que se exercita. Mas exercita-se em quê? Não em todos os movimentos possíveis, diz ele. Não se trata absolutamente de desenvolver todas as possibilidades que nos são dadas. Nem mesmo de realizar, em tal ou qual setor tal ou qual façanha que nos permitiria prevalecer sobre os outros. Trata-se de nos preparar somente para aquilo com que podemos nos deparar somente para os acontecimentos que podemos encontrar, não [porém] de maneira a superar os outros, nem de maneira a superar a nós mesmos (FOUCAULT, 2004, p. 388).

Essas práticas não permitem ao indivíduo mudar o mundo ou combater todas as dificuldades à sua volta, nem mesmo estar acima dos outros, mas, aprender a reagir diante das relações de poder, sobrevivendo a essas práticas de forma mais forte. Segundo Foucault:

[...] a paraskeué não será mais do que o conjunto de movimentos necessários e suficientes, o conjunto de práticas necessárias e suficientes [para] permitir-nos ser mais fortes do que tudo que possa acontecer ao longo de nossa existência. (FOUCAULT, 2004, p. 388).

Entendendo essas novas experiências de sabedoria e práticas de si como as que aprofundam os modos de existência do sujeito, este que se exercita e vive em busca das transformações de si, identificando suas forças, sabedorias e deslocamentos na sociedade em que se está inserido. Esses modos de existências, Foucault os denomina de saber espiritual. Esse saber espiritual envolvido a essas práticas de poder e conhecimento de si, pode ser visto da seguinte maneira:

[...] trata-se de um certo deslocamento do sujeito, quer suba até o topo do universo para vê-lo em sua totalidade, quer se esforce em descer até o cerne das coisas. De qualquer maneira, não permanecendo onde está que o sujeito pode saber o modo como convém. (FOUCAULT, 2004, p. 373)

O homem, praticando esse saber espiritual, é o mesmo indivíduo que se enxerga em sua totalidade, ele cria sua verdade, entende seu papel na sociedade, e consegue então, a partir deste exercício, não excluir o poder – como se existisse sociedade ou relações sem poder –, mas aprofundar o deslocamento de si mesmo e do mundo. Ele passa aqui, a viver a partir da sua constituição, no seu grupo social, sendo ele não somente um dominado, mas alguém que se impõem, seja qual forem as práticas de poder que se aproximem do mesmo. A constituição do ser humano que busca seus processos de conhecimento, também se verificam no *parástema*:

Os supracitados parastéma são três. [...] Um concerne àquilo que devemos considerar como bem: o que é o bem para o sujeito? O segundo dos parastémata concerne à nossa liberdade e ao fato de que tudo para nós depende, na realidade, de nossa própria faculdade de opinar. Nada pode reduzir nem dominar esta faculdade de opinar. Somos sempre livres para opinar como quisermos. Terceiro. (terceiro dos parastémata) é o fato de que não há, no fundo, para o sujeito, senão uma instância de realidade, e a única instância de realidade que existe para o sujeito é o próprio instante: o instante infinitamente pequeno que constitui o presente, antes do qual nada mais existe e após o qual tudo ainda é incerto [...] (FOUCAULT, 2004, p. 353-354).

A reflexão feita, partindo deste pensamento de Foucault, faz uma associação entre o *parástema* que ajuda a compreender a dinamicidade do *paraskeué*, que vem ao encontro do

exercício do poder a partir do que seria liberdade e realidade para o sujeito. Sabendo que o bem e a liberdade obtida para este homem parte simplesmente do deslocamento da realidade que ele se permite fazer, essa mesma que não passa do instante, do presente, para que o homem se desenvolva em suas relações e subjetivação. O bem então seria essa liberdade, esta que se constitui pela capacidade de autonomia ao se entender e iniciar seu processo de subjetivação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Então, concluímos que para discorrer acerca das relações de poder e subjetivação em Foucault, têm-se, de início, um agonismo nas relações, primeiro, o embate é sobre entender-se interiormente para compreender-se exteriormente, em seguida, a luta com outros indivíduos que também lutam pela subjetivação.

Desse modo, nessa luta têm o poder e as técnicas de controle, em que o poder na sociedade se encontra camuflado, não é um poder barulhento, mas estratégico, que usa técnicas de controle de forma que os indivíduos não percebam claramente que estão sendo controlados, trata-se de um poder sofisticado e que controla.

Mas, é partindo deste olhar sobre os comportamentos – que os indivíduos vão adquirindo com suas relações de poder – que muitas resistências surgem. É assim que o poder perde uma parte da sua eficácia à medida que as disciplinas entram em crise. É nesse momento que Foucault apresenta o poder em relação ao ethos, retomando os termos gregos de paraskeué e parástema.

Ademais, nenhuma estrutura de poder deve privar o indivíduo de sua liberdade de opinar, pois segundo os supracitados, parástema, as ações e comportamentos dependem intimamente da capacidade de se deixar opinar sobre aquilo que nos compete e compete aos outros, o homem é livre, e livre para constituir sua capacidade de opinião partindo do si próprio. O que constitui o paraskeué nos exercícios do poder. O indivíduo só conseguirá ser livre quando se deslocar em constante movimento de si e do seu lugar de vivência e adentrar nesse caminho processual de lutas, resistências e criação de estratégias de enfrentamento à realidade posta.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FOUCAULT, M. **Hermenêutica do sujeito**, (M. A. da Fonseca; S. T. Muchail, Trad.). São Paulo, Martins Fontes, 2004.

FOUCAULT, M. **Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber**. Org: MOTTA, M. B. Tradução: Ribeiro V. L. A. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2012.

JAPIASSÚ, Helton. **Dicionário Básico de Filosofia**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar. ED 2006

PORTO, Maria Veralúcia Pessoa. **Caminhos da liberdade em Foucault: das relações de poder ao cuidado de si no processo de subjetivação**. João Pessoa, 2017.